

RECENSÕES

BÓIA, Wilson, Antônio Sales e sua época. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

José Alcides Pinto

Numa iniciativa das mais louváveis do Banco do Nordeste do Brasil, foi publicado na Coleção Antônio Sales, da Academia Cearense de Letras, um livro de indiscutível importância, da autoria de Wilson Bóia: *Antônio Sales e sua época*. Trata-se de obra de alta categoria, um volume de 683 páginas, enriquecido por valiosa iconografia, além de uma lista dos pseudônimos usados pelo escritor focalizado, e cronologia, assim como bibliografia sobre Antônio Sales, poeta e prosador cearense que já havia sido objeto apenas de artigos ou capítulos de livros, da autoria de destacados autores, como Dolor Barreira, Abelardo Montenegro, Otacílio de Azevedo, Cruz Filho, Edigar de Alencar, Sânzio de Azevedo, Otacílio Colares e outros, sem esquecer Pedro Nava, em seus livros de memória.

Wilson Bóia, que sabíamos ser carioca, é, como informa o escritor Cláudio Martins na "Nótula" que abre o livro, "médico, militar, professor de Química Orgânica e de Higiene Industrial", e já publicou, como ainda ressalta o presidente da Academia Cearense de Letras, um livro de poemas, *Lira selvagem*, em 1945, o ensaio *Ciência e arte na Medicina*, publicado em 1950. Este terceiro livro de Wilson Bóia, *Antônio Sales e sua época*, é fruto de demoradas pesquisas, indo o seu autor às fontes, aos velhos arquivos, às coleções de jornais e revistas, num trabalho enorme e extremamente cansativo, para dar ao leitor uma idéia completa ou quase com-

pleta de quem foi o escritor nascido no Parazinho, em 1868, e falecido em Fortaleza em 1940, alvo da admiração de toda a intelectualidade de sua terra.

Valoriza o trabalho, já de si valioso, o prefácio do escritor e professor Sânzio de Azevedo, nome amplamente conhecido não só no Ceará, mas também no Sul do País, como estudioso das letras do Ceará, e um dos raros pesquisadores que mergulham fundo na poeira das velhas bibliotecas, tendo ele próprio um precioso arquivo com livros antigos, fotografias e manuscritos, vários deles, aliás, utilizados na iconografia de *Antônio Sales e sua época*, como indica o autor.

E é justamente Sânzio de Azevedo, que conhece como poucos os problemas da pesquisa literária em nossa terra, quem, no já aludido prefácio, aponta o "caráter documental, fruto de pesquisa cuidadosa, cujo valor mais se acentua quando se sabe (e sabem-no quanta, como o autor desta introdução, vivem à cata de velhos periódicos) do estado lamentável em que, infelizmente, se acham não poucas coleções de jornais em nossas bibliotecas". E ainda destaca, no livro de Wilson Bóia, algumas revelações que vêm dissipar dúvidas, entre as quais a de que "No Jardim" foi o primeiro soneto de Antônio Sales publicado, e não em *A Quinzena*, como alguns autores informam, mas no jornal *Libertador*. Ou a informação de que, na tradução que o escritor cearense fez do romance *Os Noivos*, de Alessandro Manzoni, não figura o nome de Antônio Sales, mas também não aparece o de José Veríssimo. Ou ainda o fato de o livro de estréia de Antônio Sales, *Versos Diversos*, publicado em 1890, ter recebido acolhida elogiosa de escritores de renome nacional, na época, como Artur Azevedo, Valentim Magalhães e João Ribeiro, e até Cruz e Sousa, "então quase obscuro", no dizer do prefaciador.

Livro de leitura agradável, sem nenhuma pretensão e análise crítica, *Antônio Sales e sua época* mostra ao leitor a trajetória do grande escritor, falando de seus familiares, de sua esposa, Alice Nava Sales, irmã de José Nava (pai de Pedro Nava), do Clube Literário, do Centro Republicano Cearense, da famosa Padaria Espiritual, da vida do poeta no Ceará, como também de sua atividade literária e jornalística no Rio de Janeiro, onde conviveu com os mais importantes nomes do tempo nas letras: Machado de Assis, João Ribeiro, Raimundo Correia, Coelho Neto, José Veríssimo, Afonso Celso e muitos outros.

No capítulo "Um visitante ilustre", fala o autor da vinda ao Ceará, em 1894, do poeta parnasiano Raimundo Correia, consagrado autor dos sonetos "As Pombas" e "Mal secreto". Em "Alfinetadas", estão transcritos, cada um com sua história, para que o leitor possa compreendê-lo, mais de 30 sonetos que Antônio Sales, sempre atento para a política nacional, escreveu em tom satírico ou elogioso, sobre homens como Floriano Peixoto, Marechal Deodoro, Campos Sales, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado e outros políticos de projeção no passado.

Livro de verdadeira importância, este de Wilson Bóia sobre a vida e a obra de Antônio Sales, grande escritor cearense.

SILVA, Nilze Costa e. **O Velho**. Ficção. Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 84 páginas, 1984

Carlos d'Alge

Acabara de ler "Absalão, Absalão", de William Faulkner, e ainda sob o impacto da sua leitura, a tragédia que se abate sobre uma família de brancos, negros e mestiços do sul dos Estados Unidos, durante a guerra civil, quando Nilze Costa e Silva me pede para apresentar ao público leitor o seu último livro de ficção *O Velho*.

O que haveria de comum entre um romance escrito na década de 30 por um notável romancista e o texto da jovem escritora cearense? O signo da tragédia do envelhecer e o sexo na velhice, pois que muito poucos conseguem chegar à idade da sabedoria com a necessária tranqüilidade e motivação pelo fato de estarem vivos e viver em plenitude.

Li de um só fôlego as 84 páginas de *O Velho*. Trata-se de um romance e assim o classifico para evitar ambigüidades com a definição de romance e novela. Os ingleses têm o termo "romance", mas dele não há equivalente em português. Simplesmente, eles chamam ao que nós definimos como romance, *novel*, isto é, termo que, segundo o Dicionário de Inglês de Oxford, define uma prosa narrativa fictícia em que se retratam personagens e ações representativas da vida real de tempos presentes e passados, em um enredo de maior ou menor complexidade. *Novel* é ainda genericamente toda a ficção, estória ou invenção.

Nós, latinos, herdamos a tradição da palavra romance retirada dos contos em versos da Idade Média, gênero que alcançou grande popularidade nos séculos XVI e XVII. Assim, simplifiquemos, deixando para os povos de língua inglesa a palavra *novel*, designativa de romance, e adotemos somente o termo latino *romance* para evitar complicações teóricas. Sugerimos, com esse propósito, que a Secretaria de Cultura reveja nos seus concursos anuais os itens romance, novela e conto, fixando-se em apenas dois: romance e conto.

Falar de novela, no Brasil, é cair em equívocos, até porque o termo se popularizou para identificar o antigo folhetim que hoje é a telenovela ou novela de TV.

Poderia alguém ainda questionar o tamanho da composição literária no que concerne ao livro de Nilze Costa e Silva. Ora, muito bem. *A Queda*, de Albert Camus, tem pouquíssimas páginas e *Guerra e Paz*, de Tolstói, tem, como se sabe, mais de mil e quinhentas páginas, e ambos são inquestionavelmente romances.

Desta maneira, aceitemos a estória ou invenção de Nilze Costa e Silva como um romance. Trata-se de uma estória calcada no problema da velhice, ambientada num meio provinciano e preconceituoso em que proíbe aos idosos de serem e se comportarem como homens comuns. Mas, os sentimentos, as paixões, os desejos, independem da idade. É um mero preconceito achar que o amor e o desejo sexual são privativos das pessoas mais jovens.

Nilze constrói uma narrativa inteligente utilizando os valores temporais da ficção, isto é, o seu romance se passa e é narrado em tempos diferentes: o tempo de Leonardo, o tempo de Lena, e o tempo da narradora. O tempo, de acordo com a teoria da relatividade, assume significados diferentes em sistemas diferentes e varia de um plano de referência para outro. Estritamente falando, nenhum tempo pode ser comum a duas pessoas.

É com este paradigma que Nilze consegue desenvolver o seu romance alternando acontecimentos respeitantes a um só indivíduo, no caso, o personagem central Leonardo. Essa técnica está em Aristóteles, na *Poética*, com quem aprendemos a construir um enredo dramático fechado. Em *O Velho*, a autora combina o tempo real e o tempo ficcional até à mais íntima relação. Para isso, contrasta o presente fictício com o presente real ou as circunstâncias que levam Leonardo a contrastar a realidade do seu dia-a-dia com a paixão por Lena, e

a pequenez e mesmo alguma sordidez do mundo em que sobrevivem humildes e desamparados.

A ambigüidade dos seres postos em situações de confronto é um dos pontos de vista da autora que convém mencionar pela sua modernidade. Neste exemplo, quando Leonardo recorda um episódio da juventude, da sua amizade por Rui:

"A mão acariciou a minha, os olhos pedintes. Quis ficar, mas não fiquei. Tive medo dos olhos, da carência, da ternura que senti por ele naquele momento. Deixei meu amigo só, abandonado aos olhos da noite, ao canto do vento que tanto o assustava." (pág. 32).

Nilze, como boa leitora de Virgínia Woolf, aprendeu com esta apreciada escritora a como tratar o momento vivo. Isto é o que está realmente acontecendo, apresentando os seus personagens a viver intensamente o seu momento e a sua verdade. Como em "Mrs. Dalloway, por exemplo:

"mergulhou bem no coração do momento... o momento. Deixei meu amigo só, abandonado aos olhos pressão de todas as outras manhãs." (pág. 41).

Expliquemos essa característica utilizando um dos conceitos de A. A. Mendilow, em *O Tempo e o Romance*. Tratando um romance apenas de eventos presentes tudo aquilo que for anterior ao ponto de partida do romance nos é dado na medida em que surja na mente da personagem, isto é, na medida em que se torne parte do seu presente.

No romance de Nilze, Leonardo evoca o seu passado para contrapô-lo ao seu presente. A própria autora também se encarrega de fazer essas aproximações interferindo na ação. Leonardo acabará por ficar só e vazio depois da morte de Lena, mas dirá que agiu certo:

"Já lavei a minha alma. Não se preocupe. Os olhos secaram há muito. Uma ou outra lágrima são reflexo da velhice. Não me venham com essa agora,

... não lamentem, não falem. Silenciem. Eu estou bem.”
(pág. 62).

Nilze alude, no seu romance, ao episódio da morte de Virgínia Woolf. Disse-me a escritora que outra colega, Lia Luft, também falara recentemente do suicídio da escritora inglesa. Trata-se de uma coincidência literária, acrescida agora de mais uma citação. Num ensaio publicado há três semanas, no jornal literário JL, editado em Lisboa, o escritor Alfredo Margarido analisa a morte de três personagens femininas portuguesas, D. Leonor de Almeida, em *Os Lusíadas*, Mariana, no *Amor de Perdição*, e Josefa, em *Maria-Moisés*, de Camilo, desaparecidas em naufrágios ou tragadas pelas águas do mar ou do rio. Nesse ensaio, Alfredo Margarido evoca o episódio de Ofélia, de Shakespeare, e o suicídio de Virgínia Woolf. Não há porque Nilze se preocupar com essa coincidência. A literatura está cheia delas até porque é difícilíssimo o dom da originalidade.

Mas aproveito esse episódio para voltar ainda ao romance de Nilze. A morte de Lena, vítima de atropelamento num dia de intensa chuarada. De certo modo, Nilze acaba por resgatar, consciente ou inconscientemente, a imagem de uma Virgínia Woolf tragada pelas águas, com a sua personagem de invenção, Lena, arrastada pelas águas ladeira abaixo “feito estátua caída”.

A autora de *O Velho* tem muito talento. É esperar que Nilze voltará a nos oferecer novas estórias e/ou invenções. Em *O Velho* deparamos com uma narrativa pungente e dramática, como é, aliás, a própria vida. O amor e a amizade vistos como verdades eternas. Na mesma medida em que os vê Orlando, de Virgínia Woolf, que cito em homenagem a Nilze:

“O que é o amor? O que é a amizade? O que é a verdade? Mas logo que pensou neles, todo o seu passado, que lhe parecia extremamente extenso e variado, penetrou no segundo que transcorria, fê-lo inchar até umas doze vezes o seu tamanho natural, cobriu-o com milhares de tintas e preencheu-o com todos os restos do universo.” (ORLANDO, pág. 58).

LITERATURA E VIDA

Jacinto do Prado Coelho (*)

Carlos d'Alge, o poeta da *Sintaxe do Compromisso* (1980), o investigador-ensaísta de *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett*, tese de livre-docência (mesmo ano), acaba de acrescentar ao seu *curriculum* bibliográfico *O Exílio Imaginário* (Edições UFC/PROED, Fortaleza, 1983). Como professor universitário (atual chefe do departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará) está no pólo oposto do especialista fechado na sua redoma. Sente-se igualmente atraído pelos clássicos e pelos modernos, ora pela literatura portuguesa ora pela brasileira, em particular cearense, pelas literaturas africanas de língua portuguesa, pela literatura comparada. Além disso, mostra-se vocacionado para a extensão universitária, que lhe permite atingir um público muito mais vasto: vinca assiduamente a sua presença nos meios de comunicação social, atento às relações entre literatura e jornalismo, e, utilizando embora uma linguagem acessível, sem o tecnicismo e o *jargon* em voga, mantém-se universitário pelo *scholarship* que nunca dispensa uma informação adequada e um espírito de rigor.

O seu itinerário pessoal de leitor, incansável viajante no "imaginário", oferece-nos encontros ou reencontros fora das sendas hoje mais batidas: reconduz-nos, por exemplo, ao prefácio do romance *Sonhos d'Ouro* (1872) de José de Alencar; faz-nos reler as *Rimas* de José Albano, de acordo com a tese original — tão original como pertinente — de que o maneirismo é "a marca definitiva do lírico cearense", e aproximando-o de Camões, Andrade Caminha, Diogo Bernardes; evoca o pensamento de Fidelino de Figueiredo, em Portugal injustamente esquecido, sobre o ensino da literatura. Tão depressa nos fala de Euclides da Cunha ou duma antologia checa da literatura brasileira como tece comentários em torno de Fernando Namora ou Augusto Abelaira. A sua capacidade de ler o passado à luz da História no seu caminhar para o presente afirma-se em sínteses como esta, a respeito do *Ultimatum* de Álvaro de Campos: "Profeta, utopista, sensacionis-

(*) Jacinto do Prado Coelho é Professor Catedrático da Universidade de Lisboa, Diretor da COLÓQUIO/LETRAS. A recensão acima é transcrita do n.º 77 daquela Revista, referente a janeiro de 1984.

ta/futurista, mistificador, o que se queira dizer, o certo é que Pessoa/Campos tocou em pontos certíssimos: previu o nascimento das sociedades fascistas e comunistas, previu a destruição da individualidade nos países hipermecanizados e capitalistas, como os Estados Unidos, previu a realidade do final do milênio: o homem que perde a sua personalidade e/ou individualidade na alienação crescente, manipulado pela indústria cultural e pela sociedade escravizada pela informática e pelo consumo. Conclui o manifesto pela impossibilidade atual de se adaptar a sensibilidade ao meio" (p. 133). E aqui vemos como, na ótica de Carlos d'Alge, literatura e vida se articulam.

NOVOS POEMAS DE BENEVIDES

Almeida Fischer

Ao comemorar, em 1983, seus quarenta anos de atividades literárias, como um dos mais destacados intelectuais do Ceará, Artur Eduardo Benevides publicou dois novos livros de poemas: *Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário*, (1) com que obteve o "Prêmio Filgueiras Lima de Poesia", e *Inventário da Tarde*. (2) São dois volumes que reúnem a produção poética mais recente desse grande e fértil poeta cearense, sobre a qual, por sua alta qualidade, não posso e não devo deixar de me pronunciar, embora o faça com algum atraso, decorrente de problemas vários, inclusive de saúde.

Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário se inicia com uma longa elegia, *Os Mortos*, em que o poeta se esmera numa linguagem metafórica das mais ricas e de muita eficácia, como se pode constatar por este trecho: "E eles ficam em etéreas dimensões / pousando em vilancetas e álgidas / moradas. / Às vezes, em altas madrugadas, / calçam botas de nuvens e orvalhos. / E levitam sobre lanternas que dormitam / diante dos portões. / Muitos os surpreendem

1) BENEVIDES, Artur Eduardo — *Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário* — Fortaleza: Fundação Educacional Filgueiras Lima, 1983.

2) BENEVIDES, Artur Eduardo — *Inventário da Tarde* — Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

na orla das canções / que nos levam, de pronto, às plumas da memória. / E eles tecem e retecem as teias das histórias / e estendidos estão nos campos de batalhas. / Saberemos um dia: na morte não há falhas. / Alguns deixam armadilhas pelas trilhas / ou se transformam em aves e tranqüilos / vão ressoar em torres abstratas. / Outros, nas colunas dos templos vêem as datas / em que se foram os santos e os reis. / E ouvem, mais de uma vez, os sinos / a ressoar no topo das igrejas / pelos mortos mais jovens, surpreendidos / no sol de sua idade, entre incertezas."

As elegias, longas ou não, são em geral narrativas e, embora em versos livres, se apóiam por vezes em algumas rimas e, também, em decassílabos assistematicamente situados no poema. (Afinal, até que ponto são livres esses versos, se buscam apoio fônico e rítmico em algumas rimas e, igualmente, em decassílabos?)

Mestre do moderno soneto, grande parte do volume está habitada por essa tão antiga modalidade de poema de forma fixa, que se renova constantemente ao longo dos anos, sem perder jamais sua importância na criação poética.

Além dos dez *Sonetos de Beira-Mar* e dos dez de *Novos Sonetos de Beira-Mar*, em que se incluem alguns poemas de circunstância, há ainda os oito sonetos reunidos sob o título de *A José Albano, no Centenário de seu Nascimento*, todos construídos em linguagem poética bastante expressiva, como nestes dois tercetos: "Sentado nos meus tédios me infinito. / E se me vens de luz então me habito / E presto me levanto. Que emoção! // Tocas de leve no meu frágil peito / E tudo de repente é tão perfeito / Que os desejos transformam-se em canção." O volume ainda apresenta alguns poemas em prosa, uma "Pavana para Jorge Amado em seu setuagésimo aniversário" e "Retrato Mural do Poeta José Alcides Pinto".

Nada obstante os *Vinte Sonetos de Amor* que aparecem logo nas primeiras páginas de *Inventário da Tarde* (bem feitos e expressivos sempre, iluminados pela ornamentalidade da linguagem poética que marca os versos de Artur Eduardo Benevides: "Longe, alimentas pombos na alvorada, / Mas prendo-te ao poema, estás em cada, / Palavra de esperança ou de saudade", o volume inclui diversificadas modalidades líricas, desde o *Canto Inaugural*, um misto de canção, sonetos, versos metrificados e rimados, e livres, a *Balada dos Mortos de Março*, que não é a de forma fixa, nem a popular estíqui-ca (mais elegia do que outra coisa), passando pelas redondi-

lhas de *Marginália* e de *Canção*, por madrigais e elegias, até atingir o *Cântico Final*, num verdadeiro "show de inteligência, sons e imagens: "Ó ariazinha para corda de sol! / Ó perd'ida mattinata, ó rouxinol, meine Liebe, mein Lied, my soul, / mi dulce cantar, mi ruiseñor! Ó minha branda loa aragonesa! Oh, teu corpo a palpitar / na *sleep lagoon*, em grã beleza! E me iluminas como os planctos à noite / iluminam a leve flor das águas. / És meu discurso e vibras na metáfora / com que te endormirei na paz do amor. / O amor: / intervalo de Deus, gesto primeiro, / travesseiro de plumas para a insônia, / verbo do lá-bas, em Babilônia. / E de amor e de mar faço o meu verso / que morde tua ausência e fica perto / das aldrabas que fecham tua porta, / Mas nem todos os eventos são lamentos."

O volume traz ainda poemas políticos, cristãos, de viagem, algumas tímidas figurações grafistas. O importante mesmo, a marca pessoal do poeta, está na linguagem ricamente ornamentada em que as palavras recebem, muitas vezes novas dimensões de utilização como este *infinitam-se os olhos*, do poema *Momento no Quartier Latin*: "Nos cafés, em sóbrios movimentos / de quem está só, silêncios resplandecem. / *Infinitam-se os olhos*, que se esquecem. / As lembranças tornam, circulares. / E nos bares / todos os pensamentos são bebíveis. / Mas nós, entre prováveis e possíveis / desencontros, guardamo-nos diáfanos."